

A DISCURSIVIZAÇÃO DO SUJEITO FEMININO NO E PELO MUSEU PARANAENSE: SILENCIAMENTO E EFEITOS DE SENTIDOS

Josiele Zevierzecoski¹

Nessa pesquisa, temos por objetivo analisar as formas de silenciamento das mulheres na história a partir da discursivização do Museu Paranaense (MUPA), localizado em Curitiba-Paraná, na obra eletrônica disponível no *site* do Museu Paranaense intitulada: *“Personagens da História do Paraná: acervo do Museu Paranaense”* (2014), de autoria de Renato Augusto Carneiro Júnior, Maria Luzia Ferreira, Cíntia M. S. Braga Carneiro. A obra apresenta textos-imagem e uma breve biografia de 136 personagens que fazem parte da historiografia paranaense, alguns desses retratos já foram expostos no espaço físico do MUPA.

De 136, personagens, somente 17 mulheres são expostas, conforme informações do Museu Paranaense:

As 17 mulheres aqui retratadas são, na maioria dos casos, donas de casa, filhas, esposas ou mães de personagens da sociedade paranaense. Foram agrupadas nessa categoria para suscitar a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade e sua exclusão do espaço público. (Braga; Carneiro; Ferreira, 2014, p. 154).

Com vistas a compreender como as mulheres foram silenciadas e apagadas na história, mapeamos os saberes discursivos que sustentam e legitimam a formação imaginária constituída sobre o sujeito mulher destacando imaginários da subalternidade em relação ao homem e à sociedade, sinalizando que pela (re)produção desses discursos foi fortalecido o imaginário, segundo o qual as mulheres são inferiores aos homens nas práticas sociais decorrentes de relações de poder institucionalizadas.

A teoria que ancora e sustenta nosso gesto analítico é a Análise de Discurso de linha francesa, especificamente, as noções teóricas desenvolvidas por Michel Pêcheux e consolidadas, no Brasil, por Eni Orlandi, e de pesquisas acerca dos Museus desenvolvidos por Maria Cleci Venturini. Para Orlandi (2014), os museus são instituições que têm função fundamental na questão social e cultural, uma vez que eles fazem funcionar discursos na contemporaneidade por despertarem interrogações sobre o modo como o presente funciona. Conforme Venturini (2009, p. 40) o museu se constitui como lugar de memória que *“organiza também os esquecimentos, o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, apagado”*.

Na perspectiva discursiva, na qual nos inscrevemos, o lugar de memória “pode ser definido como um depósito de arquivos, que aparentemente guardam vestígios históricos de memórias que não existem mais e que, por isso, necessitam de um lugar para lembrá-los” (Venturini, 2009, p. 71).

¹ Mestranda no PPGL da Universidade Estadual do Centro-Oeste- UNICENTRO, orientada pela Professora Doutora Maria Cleci Venturini. Bolsista CAPES. E-mail: josiele2711@gmail.com.

No Museu Paranaense, esses “vestígios históricos de memórias” são materializados nas exposições e arquivos que o integram. Ao propor esse movimento reflexivo acerca do sujeito feminino, na formação social, o Museu Paranaense dá visibilidade ao silêncio na história das mulheres, e nisso ressoa a exclusão das mulheres do espaço público, o que produz efeitos de sentidos de apagamento de outras histórias de mulheres paranaenses.

Para Lerner (2019, p. 24) “o conhecimento histórico, até pouco tempo atrás, considerava as mulheres irrelevantes para a criação da civilização e secundárias para atividades definidas como importantes em termos históricos.” Sublinhamos que o silêncio imposto a elas foi forjado e construído historicamente, e esse silêncio significa e não diz respeito à ausência de sons, ou de palavras, não é o vazio do que é dito. Trata-se de um silêncio que constitui os sentidos, o qual permite seus movimentos e não diz respeito à ausência de sons, ou de palavras, não é o vazio do que é dito. Trata-se de um silêncio que constitui os sentidos e possibilita seus movimentos, conforme Orlandi (2007).

Destacamos que, nas condições de produção de colonização do Brasil, pelo discurso da Igreja Católica e dos médicos portugueses, o corpo da mulher era entendido como “um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e Diabo se digladiavam” (Del Priore, 2017, p. 78) e, devido a isso, qualquer enfermidade da mulher significava que ela havia pecado e que Deus estava lançando castigos sobre elas. Dessa forma, a mulher era significada como o ser diabólico. Sem respaldo científico, os médicos portugueses que se instalaram no Brasil ancoravam-se nos saberes da Igreja Católica e diagnosticavam as doenças femininas conforme o maior ou menor grau de pecados (Del Priore, 2017).

Sublinhamos, também, que o imaginário produzido sobre o sujeito mulher, no Brasil, partiu do androcêntrismo, ou seja, da visão dos homens (padres, governantes e médicos), estes que ditaram as normas para o bom funcionamento social (Del Priore, 2017). Somado a isso, “havia que espelhar a presença feminina na consolidação de um projeto demográfico que preenchesse os vazios da terra recém-descoberta” (Del Priore, 1990, p. 18). Por esse discurso, a função da mulher era a reprodução, elas deveriam gerar filhos para aumentar a população, consolidando o imaginário de que o sujeito mulher servia para procriar. Esses saberes foram (re)produzidos e disseminados por sujeitos que se identificavam com Formação Discursiva (FD) religiosa e patriarcal na história. A FD diz respeito:

Aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de lutas de classe, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (Pêcheux, 1997, p.160).

Por esse funcionamento, a formação discursiva (FD) refere-se àquilo que pode ou não ser dito a partir da inscrição ideológica dos sujeitos e, nesse sentido, ideologia e sujeito estão imbricados. Segundo Orlandi (2015), a FD materializa, no discurso, a FI e “o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido não outro”.

(Orlandi, 2015, p. 41). Desse modo, os sentidos de que a mulher é um ser frágil e inferior é construída a partir da:

Ideologia dominante que prega a inferioridade da mulher, por exemplo, produz FDs que permitirão o discurso de inferioridade da mulher na biologia, nas diferentes religiões, no sistema jurídico, na psicologia [...] Há, assim, todo um conjunto de FDs materializando a mesma ideologia em relação à mulher (Bocchi; Garcia; Pereira; Poltronieri; Lozano; Sousa, 2018, p. 286).

O imaginário da mulher no Brasil, portanto, foi constituído pela ideologia dominante do patriarcado, construindo FDs, como já mencionado, religiosas e médicas que inferiorizam o corpo da mulher. Destacamos que a Formação Imaginária contribui para a constituição dos sentidos e, portanto para a produção do discurso, pois “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um de *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.”

Para este trabalho, analisamos duas Sequências Discursivas de duas mulheres da obra, quais sejam: Hipólita Pereira da Costa e Joaquina Correia Guimarães.

SD1 – Hipólita Pereira da Costa- Filha de Antonio José Pereira com Anna Maria Alves. Casada com seu primo, o Major Antonio Pereira da Costa, no dia 5 de fevereiro de 1853, foi sua segunda esposa (Carneiro; Ferreira; Braga, 2014, p. 165, grifos nossos).

SD2 – Joaquina Correia Guimarães = Sra. José Mathias Ferreira de Abreu- Filha do Visconde de Nacar com Maria Clara Correia Guimarães. Casou-se com José Mathias Ferreira de Abreu, em 1858, e teve os filhos Arthur, Mucio e Elfrida (Carneiro; Ferreira; Braga, 2014, p. 166, grifos nossos).

As preposições de e com se repetem nas duas SDs. Salientamos que essas palavras não são mobilizadas ao acaso e não ligam apenas as palavras da oração, mas ligam a mulher à filiação e ao marido. Esses discursos sinalizam o retorno de memórias de que as mulheres eram ensinadas e preparadas para o casamento, para o cuidado com o lar e para a reprodução (Del Priore, 2017) e, pelo funcionamento da memória discursiva, esses dizeres “vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos- transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível no próprio legível” (Pêcheux, 2015, p. 46), ou seja, pela repetição das preposições há a (re)produção do imaginário de mulher dependente de alguém para ter visibilidade. Elas estão no MUPA, lugar público, entretanto, os nomes dos homens são indissociáveis dos nomes delas.

Além disso, Joaquina Correia Guimarães é discursivizada pela denominação de Sra. José Mathias Ferreira de Abreu. O nome é do marido de Joaquina e produz efeitos de sentidos de apagamento/silenciamento da mulher, do ser sujeito mulher, pois ela deixa de ser a Joaquina para ser a “Sra. José”. Nas condições de produção do século XIX, que compreende o sentido estrito e o amplo- o primeiro se refere à linearidade do dizer; o segundo diz respeito ao contexto sócio-histórico, nessa análise, a história das mulheres, os modos pelos quais, como já mencionado, elas foram imaginadas e

discursivizadas como seres inferiores e que deviam obediência ao homem. Assim, a formação social era para homens, especificamente, para os políticos, esses que deveriam aparecer, como o marido de Joaquina. O nome dele está na mesma obra:

José Mathias Ferreira de Abreu: Natural de São Paulo. Bacharel em direito, casou em 1848, no Paraná, com Joaquina Correia Guimarães, filha do comendador Manoel Antonio Guimarães, Visconde de Nacar, e de sua primeira mulher Maria Clara Guimarães. Deputado por São Paulo por ocasião do “Ato Adicional” à Constituição do Império (Carneiro; Ferreira; Braga, 2014, p. 126).

Desse modo, compreende-se que as mulheres que têm visibilidade no espaço público são as da classe burguesa, especificamente, as que mantinham algum parentesco com os sujeitos de poder na sociedade curitibana do século XIX, como discursivizado: o Major e o Visconde de Nacar. As mulheres que não mantinham essas relações, conseqüentemente, eram silenciadas e, devido a isso, o MUPA justifica e provoca uma reflexão pelo número inferior de mulheres discursivizadas na obra.

Assim, o sentido sobre as mulheres - exclusão e inclusão se movimentam e se transformam em determinadas condições de produção “pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é reproduzidas)” (Pêcheux, 1997, p. 160), e aquilo que foi dito sobre elas é (re)significado pelas questões do presente. Diante disso, o MUPA como lugar de memória (Venturini, 2009), deve lembrar as relações de poder dos políticos a partir da discursivização de seus nomes, mas, também, do modo como algumas mulheres foram silenciadas/apagadas da história.

REFERÊNCIAS

- BOCCHI, A. F. de A.; GARCIA, D. A.; PEREIRA, F.; POLTRONIERI, K.; LOZANO, M. F.; SOUSA, L. M. A. e. WC e gênero: discursos em movimento. **RUA**, Campinas, SP, v. 24, n. 1, p. 281-304, 2018. DOI: 10.20396/rua.v24i1.8652518. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8652518>. Acesso em: 1 out. 2023.
- BRAGA, Cíntia; CARNEIRO, Renato; FERREIRA, Maria. **Personagens da História do Paraná: acervo do Museu Paranaense**. Curitiba: SAMP, Museu Paranaense, 2014.
- DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. 1990. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. Acesso em: 22 maio 2023.
- DEL PRIORE, Mary. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 66-97.
- LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni P. Discursos e museus: da memória e do esquecimento. **Entremeios: Revista De Estudos Do Discurso**, v. 9, jul. 2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/189.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.



PÊCHEUX, Michel [1975]. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. Trad. José Horta Nunes. *In:* ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória.** Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 43-52.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano:** espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus em (dis)curso na/por uma história de 'nunca acabar'. *In:* VENTURINI, Maria Cleci; RASIA, Gesualda dos Santos (org.). **Museus, arquivos e discursos:** funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 21-36.